

QUEBRADA INSTRUMENTAL

ENTREVISTADOS:	Wopper Kiko Sousa – Francisco Assis de Sousa Neto
Localização da atividade:	Conjunto José Bonifácio / COHAB 2
Área de Atuação:	Música
Data da entrevista:	01/09/2020
Entrevistadores:	Nísia Oliveira; Allan Cunha; Renata Eleutério e Rodrigo Nobre – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Formado em 2016, o quarteto busca levar o jazz para a quebrada. O estilo escutado e tocado muitas vezes nas áreas mais ricas da cidade, faz o caminho inverso, sendo resgatado para o lugar de origem, a periferia.

ENTREVISTADO:

WOPPER

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Nísia CPDOC Guaianás: Boa tarde, Wopper [risos].

Wopper: Boa tarde [risos].

Nísia CPDOC Guaianás: Pra começar, eu queria que você contasse um pouquinho sobre quem é você, né, quem é o Wopper? Então, se você falasse um pouco do seu histórico mesmo pessoal e depois a sua relação com o território, aqui.

Wopper: Legal. Eu sou o Wopper, tenho 36 anos, sou formado em bateria, exames probatórios. Eu já tô... tem mais ou menos... eu não sou muito bom de data, né [risos]? Eu tenho uns 19 anos, eu acho. Não! Desde os 19? Então faz uns 17. E eu comecei aqui na região mesmo, né? Tinha uns amigos que tinham bandas aqui e eu frequentava os ensaios deles, né? E eu me interessei mais pela bateria justamente por causa do meu amigo, Edgar, que tocava bastante. Ele toca muito, né? Toca até hoje, né?

E eu pirava nele tocando e eu queria tocar bateria. Foi na bateria dele que eu sentei a primeira vez, assim, e me apaixonei. Comecei a tocar com as bandas aqui da Cohab, né? A gente tinha

um evento que chamava Reggae na Rua, que era um evento que rolava uma vez por mês, né? A gente era o coletivo de várias bandas, eram cinco, seis bandas na época, tudo aqui da região de Itaquera, a maioria daqui da Cohab 2 mesmo, né? E a gente fazia tudo de forma independente mesmo. Construía palco, aquela coisa, né, independente, que é bem difícil. Mas era muito legal, foi uma fase muito importante pra nós, assim, de construção, de como lidar, assim, com a sua arte de forma independente, né? O que é difícil. É gratificante também, né, porque é a luta e a gente sempre ultrapassando as barreiras, né? Mas a gente ultrapassa, isso que dá essa gratificação, assim.

Nísia CPDOC Guaianás: É possível dizer que o Reggae na Rua foi uma escola aqui, né, pra várias bandas. Surgiu em 2006, né?

Wopper: Sim.

Nísia CPDOC Guaianás: Acho que em 2006.

Wopper: Eu não sou muito bom de data, mas acho que é mais ou menos isso aí, 2006... por aí! E foi uma escola para muita gente mesmo. Poucos seguiram, assim, né? Na questão, na música mesmo, assim. Porque a vida leva a gente pra vários lugares, né? Por aí.

Renata CPDOC Guaianás: E como é que vocês chegam pro Quebrada Instrumental, como é que é esse processo?

Wopper: Então, a gente se conhece desde a época, eu e o Kiko, desde essa época do Reggae na Rua, mesmo. Nós tínhamos... eu tinha uma banda de reggae, ele tinha outra banda de reggae e desde essa época a gente já tem essa relação, né? Esse convívio... E a partir daí a gente já tinha, a gente já teve outros projetos juntos já, também, né? E a gente chegou nessa porque a gente sempre teve um interesse, um apreço pela música instrumental, né? E aí a gente tinha essa intenção, mas ficava meio que de lado, né? Mas a gente no fundo tinha essa intenção, teve uma hora que a gente falou "mano, vamos fazer, mesmo? Vamo fazer!" Aí a gente chamou o Call pra fazer o baixo, Call Gomes - que hoje ele já não faz mais parte do projeto, né? E o Nicolas, Nico Carneiro pra fazer a guitarra. A gente fez esse quarteto, mas sempre teve participação de outras pessoas. A gente chama outros músicos pra participar, chama cantores também, a gente tem uma relação muito forte com Rap também, a gente participa muito... o pessoal do rap participa muito com a gente. As rappers também.

Allan CPDOC Guaianás: Por que a Música Instrumental?

Wopper: Por que a Música Instrumental? Porque a música instrumental, ela de uma certa forma, ela é uma música mais... livre, assim, pro músico, né? Porque assim: uma pessoa quando tá cantando junto com a banda, ela é posta como um solista, então quando o solista tá lá a banda

fica meio só... mais lá atrás, fazendo aquela cama. Não é uma obrigação, claro, a música não tem uma regra, mas... Aí a música instrumental ela é um pouquinho mais livre, né? Pra você soltar mais do que você estudou, que aprendeu, né, durante... na caminhada da música. E também é uma forma de se expressar, né? Acho que antes de tudo é uma forma de se expressar musicalmente. Uma linguagem que o mundo entende. Posso cantar uma música aqui em português e o mundo todo não vai entender. Já a música vai... vai sentir.

Nísia CPDOC Guaijanás: E aqui na zona leste, além de vocês, tem outros grupos que trabalham nessa pegada de instrumental? Vocês são...?

Wopper: Tem alguns grupos, não são muitos. Tem o Mental Abstrato, que os caras são parceiros, assim. São daqui da leste também. Mas a música instrumental ela é uma vertente assim da música que ela não é muito popularizada, não tem muita gente que tenha essa... essa vontade de fazer, né? Até mesmo porque não tem um público que consuma muito isso, né? A gente começou o Quebrada Instrumental até mesmo por causa disso, pra trazer esse tipo de música pra... principalmente pra periferia, né? A gente começou na quebrada, aqui na nossa quebrada, na Cohab 2 e a intenção era trazer esse tipo de música pra que a galera comece a consumir, tenha um interesse, né? Nesse tipo de música.

Nísia CPDOC Guaijanás: Então da formação inicial, é basicamente quem (que) tá na formação inicial do Quebrada Instrumental?

Wopper: Então, da formação inicial está eu e o Kiko e o Nico. O Call foi o único que decidiu tomar um outro rumo, né? Agora a gente tem o Júlio, Júlio Lino, ele tá fazendo o baixo agora com a gente.

Nísia CPDOC Guaijanás: E os espaços de referência, assim, que vocês têm? Que surgiu o grupo e que vocês têm de referência e que vocês sempre se apresentam aqui na quebrada?

Wopper: A gente começou na Casa de Cultura do Parque Raul Seixas, né? A gente fazia um evento mensalmente lá. Era todo o último domingo do mês. A gente tava fazendo um evento lá, foi lá que começou tudo, assim, né? Aí a partir daí a gente começou a sair um pouquinho pra qui, um pouquinho pra lá e tal [risos].

Nísia CPDOC Guaijanás: Então se pensar de equipamentos, a Casa de Cultura e outros. Tem outros? Tem outros equipamentos, assim, que é importante pro histórico?

Wopper: Ah, a gente fez parceria com Coragem, com a Ocupação Coragem, que é aqui também da quebrada... são mais esses parceiros, aqui na Praça Brasil também, que já é um espaço público, né? A gente já fez umas coisas ali também. Mas o principal mesmo é a Casa de Cultura, né? A gente é da casa ali, a gente é considerado da casa.

Nísia CPDOC Guaianás: E quais as principais dificuldades que vocês encontraram na formação do grupo, né?

Wopper: Dificuldade, assim, não tem teve muito, né? Porque quando a gente propôs pro Call e pro Nico eles já abraçaram, já na hora, né? A dificuldade maior, assim, é de encaixar esse trabalho em alguns lugares, porque como eu disse a música instrumental, ela não é muito consumida, né? Tem muita gente que não... não quero não, esses caras fazendo muito barulho, eu não vôlei entender nada [risos]. Porque a gente faz umas loucuras, né, meu? Como eu disse a gente é livre pra fazer, então a gente faz, né? Às vezes sai um negócio legal, as vezes sai um negócio esquisito, mas é música [risos].

Nísia CPDOC Guaianás: Os principais parceiros de vocês, assim?

Wopper: Principais parceiros? A gente tem grandes músicos que a gente é super fã. Tem o Richard Firmino, Cintia Piccin. O Richard é saxofonista - ele é muito sopro, né? Ele toca vários instrumentos de sopro e toca muito bem, a Cíntia é saxofonista, ela é incrível, eles são incríveis! Que é um casal que tá sempre com a gente, assim. Mas a gente tem sempre vários outros músicos, cantores, também, cantoras. Tem o d'Oliveira que é nosso parceiro também, que tá sempre com a gente, tem a Thalia Abdon que tá sempre com a gente. Então, a gente tem vários parceiros, né? A gente já fez algumas coisas com as meninas d'A's Trinca, com a Stefanie MC. Como a gente tem essa proximidade com o rap a gente trouxe mais pra esse lado também, o rap com o jazz. Teve o Kamau também, que a gente já fez algumas coisas... Que mais? O Max B.O. Tem mais, mas de repente eu não lembro agora. A gente tá sempre aberto pra novas parcerias e tal, né?

Nísia CPDOC Guaianás: Assim, alguns momentos, assim, você puxar pela memória, que você gostaria de destacar, assim, da caminhada de vocês? Sei lá, momento engraçado, né? E que vocês sentem nostalgia...

Wopper: Olha, não me recordo agora de um momento engraçado. Sempre é... muito... uma... assim, a gente sempre se diverte muito, né? E o legal do Quebrada é essa parada da gente sempre se divertir, né? É um trampo que a gente é livre, a gente não tem aquela apreensão de “nossa, preciso fazer isso certinho aqui!” Como a gente é livre, a gente se diverte, né? Tocando a gente dá risada... A gente sente muita falta, até, por causa disso, né? A gente tem... tem feito algumas coisas *online* e tal e não tem aquele contato e é isso que é o legal, assim, da gente tá junto, fazendo ali, se divertindo. Acho que... acho que esse é o momento engraçado, assim, vamo dizer assim, né?

Nísia CPDOC Guaianás: E de trabalho, assim, é... que vocês já produziram, lugares que vocês tocaram, né, que você acha que é legal destacar na trajetória de vocês? E também, se vocês já tem CD. Como que é a produção de vocês?

Wopper: Bom, lugares que a gente tocou... a gente... a gente faz muita coisa mais *underground* mesmo. A gente toca em casas de cultura, em bares mais de quebrada, mesmo, né? Em locais abertos, em praças.

Nísia CPDOC Guaianás: O público normalmente que mais acompanha vocês?

Wopper: Você falou do CD, né? O CD a gente não tem ainda não [risos]. A gente começou essa ideia, tirando, tocando temas que já são conhecidos, né, pela galera, assim. A gente tem um tema, ó! Ó que legal! [Risos] Mas a gente tá na produção de fazer, não necessariamente lançar CD, né? Mas lançar singles. Eu acho que é interessante. Ter umas parcerias pra gravar junto. A gente já tem um videoclipe, um videoclipe com A's Trinca. Tá bem legal, tá no YouTube, se quiser procurar lá. Quebrada Instrumental e A's Trinca, A's Trinca e Quebrada Instrumental, [risos]. Ficou bem legal.

Allan CPDOC Guaianás: Essas referências? Quais são as referências do Quebrada Instrumental pra produção de vocês.

Renata CPDOC Guaianás: Aí eu quero apresentar, assim, tanto referência na concepção musical, mas também de pessoas que vocês, assim, talvez não sejam referência de música, mas é uma figura que vocês olha e admira, que vocês se espelham ou que ajudam vocês a orientar o processo de vocês, a caminhada.

Wopper: Eu acho que a gente tem mais a referência mais nesse lado da música, mesmo, assim. A gente pode dizer que é uma grande referência nossa, é Herbie Hancock. Que é um mestre, assim, eu sou muito fã, a gente toca alguns temas dele. E... e tem outros também, Robert Glasper, né? A gente não tem muito, assim de puxar mais pra essa onda, assim, né? Mas pode-se dizer que Herbie é uma grande [risos].

Allan CPDOC Guaianás: E dentro dessa referência musical, assim, os estilos, se você puder citar os estilos que é referência pra construção pro som de vocês?

Wopper: Ah, sim... É porque é mais puxado pro funk, pro soul, né, pro jazz... aquele *groove* gostosinho de ouvir.

Nísia CPDOC Guaianás: Pensando no canal de comunicação com o público, né, queria que você falasse um pouco mais do público que vocês atingem e quais os canais, sei lá, quais os canais que vocês usam pra se comunicar, né, pra divulgar o trabalho de vocês?

Wopper: A gente usa bastante internet, Instagram, Facebook. O maior canal que a gente usa. Praticamente a internet. E o público, assim, a gente... o público... assim, as pessoas não consomem muita música instrumental, né? Então é o público que curte música instrumental. Agora, a gente fez isso pra... começou o projeto pra gente tentar expandir, tentar despertar esse interesse nas pessoas de consumir essa música, né? Acho que isso que importa pra gente, assim. Principalmente na quebrada, né? Porque a música instrumental em bairros elitizados são mais aceitáveis, as pessoas consomem mais lá. E é engraçado, isso, né, porque o jazz começou na periferia lá nos Estados Unidos, era música de quebrada e aqui é música elitizada. Então essa foi a principal intenção, de fazer as pessoas consumirem. As pessoas aqui da nossa quebrada, né? Tentar entender melhor. Porque às vezes não consome porque não entende. Assim de cara é meio esquisito, né? Parece ser meio esquisito, mas se for sentir ela não tem aquela pulsação, então a pessoa precisa sentar com calma pra ela entender, né? E a partir daí, que ela começa a entender e vai sentir, começa a sentir, aí vai começar a gostar, começar a buscar mais, né? Pelo menos foi assim que eu comecei, né? Eu não entendia, pensava: "música de louco!" e tal. Mas comecei a entender como que trabalha os instrumentos, né? Comecei a entender a linguagem e "nossa, que legal, meu!", porque é uma música mais trabalhada, né? Com os acordes, com os tempos... tudo é uma coisa mais... não é aquela coisa simplesinha, né e tal. Então, pra se entender de cara, assim, é mais difícil, né? Tem que dar uma... sentar, escutar, sentir!

Renata CPDOC Guaianás: E do tempo que cê tão atuando, enquanto Quebrada... já faz quanto tempo que vocês tão juntos?

Wopper: Tem uns... mais ou menos uns quatro anos, pouco mais de quatro anos. Se eu não me engano a gente começou em junho, julho de 2016.

Renata CPDOC Guaianás: E nesse tempo, vocês acham que, assim, vocês apresentando, estando na quebrada, circulando... Vocês já perceberam alguma mudança, assim, do público? Públicos que, assim, jamais teriam o contato a essa produção musical, assim... teve conhecimento por vocês e comentou e falou assim: "olha, isso foi importante"? Como é que você vê isso ao trabalho de vocês com o público?

Wopper: Olha, eu não me lembro de ter chego alguém, falado assim, mas a gente sente a reação das pessoas, né? E sempre tinham pessoas diferentes. A gente fazia na Casa de Cultura Raul Seixas, e lá é um parque, né? E as pessoas tão circulando. E às vezes as pessoas vão lá, sentam

lá e ficam lá escutando e falam "caramba, que legal" e tal. Não chega a falar, né? Mas chega... Cê sente que a pessoa tá curtindo lá e tal. E isso também é gratificante.

Nísia CPDOC Guaianás: Eu acho que a Rê já, já perguntou da questão da comunidade, né? De como que a comunidade lida, eu queria saber a família. Como que a família de vocês olha pro trabalho de vocês, também?

Wopper: Minha família ela apoia, assim, de começo nunca apoia, né? [Risos]. Mas depois que viu que era um negócio sério, que é isso que a gente quer, aí começou a entender, apoiar, a irem aos shows, né? A gente não tem só o Quebrada Instrumental, a gente trabalha com vários projetos e é uma aceitação legal, assim.

Allan CPDOC Guaianás: Você falou que eles sabem o que vocês querem. E o quê que vocês querem?

Wopper: Eu quero espalhar música pro máximo de pessoas possíveis.

Renata CPDOC Guaianás: E quando acontece esse primeiro "nunca apoia" que você falou: "ah, no começo nunca apoia", depois esse "nunca apoia", "nunca apoia" por quê?

Wopper: Porque a arte, de uma forma geral, ela é muito difícil no Brasil, né? Cê trabalhar com arte. Então as pessoas, a família fica com medo do futuro, né? Pensando: "nossa, o quê que vai ser de você se você não conseguir e tal?" Mas a gente já nasce com isso, né? A gente sempre teve isso na nossa... essas barreiras na nossa cara, na nossa frente, pra gente quebrar. Então isso foi uma das barreiras que eu quebrei e tal, e, assim, minha mãe perceber que tá acontecendo faz com que ela fica mais tranquila.

Nísia CPDOC Guaianás: E durante a pandemia, assim, qual que foi a... as mudanças que vocês passaram, assim? Passaram dificuldade agora com a COVID?

Wopper: Sim. Dificuldade acho que no setor cultural de forma geral, né? Não só cultural, né? Claro, mas no setor cultural de uma forma geral travou, né? Porque é um setor que trabalha com muvuca, a gente tá sempre aglomerando pessoas. Então, foi o primeiro a parar e acredito que vai ser o último a voltar, né? E... mas a gente tá tentando se virar com isso, tamos fazendo algumas *lives*, né? Estamos produzindo também, pegando esse período pra produzir. Eu tenho... eu tenho um estúdio aqui que a gente faz as coisas, tem um estúdio lá em casa, a gente vai sempre fazendo as coisas... tentando manter essa distância, né? Respeitando aí o momento, mas a gente não para de trabalhar, não consegue parar de trabalhar. Porque se parar... se parar a gente não respira [risos].

Nísia CPDOC Guaianás: E se eu te perguntasse uma relevância do trabalho do Quebrada Instrumental, o que você destacaria, assim? Por que é importante? É um trabalho que deve ter visibilidade, sabe? Que deve ter continuidade? Por quê?

Wopper: Ah, eu acho que a... a principal relevância é isso que eu falo de, da galera da quebrada. É mó chato ficar batendo nessa mesma tecla, mas é levar cultura pra quebrada. Eu acho que é, mais relevante, assim, pra nós, porque nós somos muito carentes de cultura. A gente consome sempre as mesmas coisas porque não tem muitas opções, né? Áí a gente tem que empurrar e: "Você vai ouvir isso aqui! Você vai ouvir isso aqui!" [Risos]. Mas é pra... pra expandir, né, meu? Cultura, ela liberta, né, a gente. Acho que esse é o ponto principal da relevância.

Renata CPDOC Guaianás: Você disse que na pandemia teve muitas dificuldade, mas não parou de trabalhar. Como é que vocês trabalharam na pandemia?

Wopper: Como eu disse eu tenho um *home studio* lá em casa, então eu gravei as coisas lá em casa. Foi todo mundo, cada um gravando de casa. A gente conseguiu cada um, graças aos corres, conseguiu adquirir alguns equipamentos que nos possibilitaram fazer isso, né? Mas tem muitos músicos que não têm essa possibilidade, né, de fazer, não tem esse tipo de equipamento pra fazer em casa. São equipamentos caros, né? Então é isso. Isso é uma coisa que até me preocupa de uma forma geral, né? Porque muitos músicos que estão aí à deriva, né, meu? Sem show. Tem muitos caras que ficaram, que tocavam em barzinho, que viviam de... barzinhos pararam, barzinhos fecharam. Então, né? Complicado. De música a gente tem que ter várias válvulas de escape pra conseguir sobreviver, né? Porque que nem viver... [risos].

Nísia CPDOC Guaianás: A gente tá vendo aí o símbolo da Pela Arte A Zoeira, né? O estúdio aqui, e que vocês... então a casa do Quebrada Instrumental é Pela Arte A Zoeira?

Wopper: Sim. Pela Arte a Zoeira, ele é um selo, né? Não só um estúdio... A gente tem vários artistas que a gente trabalha. Tem o Engrenagem Urbana, tem o d'Oliveira, Thalita Abdon, tem vários, vários artistas que o centro é aqui, né?

Allan CPDOC Guaianás: Porque esse nome, Pela Arte A Zoeira?

Wopper: Áí já é com o Kiko, [risos] que é o Kiko que deu esse nome aí. Caramba eu sou amigo do cara há quase 20 anos e nunca perguntei [risos].

Rodrigo CPDOC Guaianás: Entendendo na verdade que o período de pandemia é algo que vai se estender a muito tempo vocês sendo um selo, sendo um coletivo, sendo influenciadores de muitos grupos, vocês também conseguem disseminar estratégias sobre... de se reinventar nesse período? Porque como você disse, vai ser o último setor a abrir. Então tem muitos que têm dificuldade tecnológica. O que fazer? Como produzir? Então gera várias questões, né?

Wopper: Sim, sim. É, a gente tá tentando trabalhar dessa forma, de forma online, né? Que é o modo que tá rolando as atividades, né? Não só no nosso setor. E produzindo, cara. Vamo produzindo! Não só com os trabalhos do Quebrada Instrumental, como outros trabalhos também.

Rodrigo CPDOC Guaianás: E se unindo para produzir com outros artistas também que pararam? Independente de ser um grupo, basicamente Quebrada Instrumental?

Wopper: Também, também. Como a gente tem trabalhos não só... é... a gente tem o nosso núcleo aqui, mas a gente vai juntando com outros artistas. Eu também tenho outros trabalhos, o Kiko também tem outros trabalhos, né? E dessa forma que a gente vai se conectando, também. Tentando fazer desse mesmo, nesse formato, né, online e tal. E é difícil de tá... influenciar, assim. Como é que eu vou te dizer? Influenciar dessa forma, assim, num momento tão delicado desse, né? Sendo que a gente, da pouca estrutura que a gente tem já é precária, né? Muitos já não têm essa pouca estrutura que a gente tem, então é um momento muito delicado assim, pra música, né? Muito difícil falar assim.

Nísia CPDOC Guaianás: Tem algum objeto, assim, que você... objeto, sei lá! Foto, documento que você destacaria assim se fosse pra colocar num museu do Quebrada Instrumental?

Wopper: Ah, tem algumas fotos. Fotos, sempre tiram fotos legais depois dos shows. Acho que fotos elas são ótimos registros, né? Hoje mesmo eu tava olhando fotos lá em casa com a minha filhinha, lembrando, lembrando do dia. Então a gente vê a foto e a gente recorda o dia, né? E os vídeos também, que são legais que a gente têm, que a gente fez as apresentações. Acho que é mais isso.

Nísia CPDOC Guaianás: Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar? Que você acha que vale destaque da história de vocês, da caminhada?

Wopper: O Quebrada Instrumental ele é muito improviso, daí que parte essa liberdade, né, que a gente tem. Não é totalmente improviso, claro, né? Nós temos o tema, pegamos, tiramos o tema e em cima do tema que a gente faz as nossas loucuras, assim. Isso que é o legal, né? Fazer na hora, e tá sentindo, um sentir o que o outro fez, e aí vai embora, pra o outro lado, assim. E isso que é o muito louco, porque às vezes dá uns resultado bem maluco, assim, mas fica louco,

fica dahora [risos]. Parece clichê, mas nunca desistir, né, cara? Apesar de todas as barreiras que a gente, que a gente tem, né? Principalmente nós que somos da periferia, né? A gente já nasce com dez passos atrás, né, meu? E ainda com várias barreiras na frente. Então eu posso dizer que eu sou um exemplo vivo disso, que a gente consegue, entendeu? Meu sonho era trabalhar com música, eu trabalho com música. Não da forma que eu almejei, mas estou no caminho, passei por várias barreiras. Ainda tenho várias barreiras pra passar, mas faz parte da vida e mano, é só não desistir, foco, trabalho, fé.

Allan CPDOC Guaijanás: Uma última: o que... que é, o que significa a música na sua vida?

Wopper: Pô, cara, é... é um respiro, meu. Um respiro... é o meu respirar, na verdade. Eu posso dizer porque... eu sou louco por música, sou apaixonado por música. Eu tô sempre mexendo com música, pesquisando. Eu sou meio bitolado em música na verdade. Então é minha forma de viver, um estilo de vida, eu posso dizer.

Nísia CPDOC Guaijanás: Obrigada. Parabéns pelo trampo. E é muito legal de ver que o movimento Reggae na Rua foi um movimento que nasceu da banda que era o Boneco Alqui, antes, anterior que era do Reação Arte e Cultura, o Edgar era do Reação Arte e Cultura que era um movimento que fazia parte. A gente começou no Parque Raul Seixas em 2001. E é muito legal, assim, ver a sua história porque a gente vai vendo o quanto é imbricado, né? O quanto a gente tá junto, assim, nesses espaços. E ele falando das memórias dele eu remeti às minhas memórias, porque a Casa de Cultura Raul Seixas foi onde começou o Reação Arte e Cultura, foi onde começou o Alma... Então, se pensar pra quebrada a Casa de Cultura Raul Seixas ela tem esse lugar incrível! E aí o Edgard começou lá também como músico. E o Edgard é muito generoso. Ele tinha um estúdio na casa dele [risos] – a gente, nem sei se era pra tá contando isso [risos]. E aí o Edgard tinha um estúdio que ele fez escolinha com a galera, conheço muita gente que começou, né? Tinha a banda *Ganja Jah* que era uma puta referência, né? A *Ganja Jah* ficou muito conhecida entre as bandas de reggae, nas bandas de reggae. Aí a galera sentava, a maioria que hoje é músico aqui na quebrada tem a referência da pegada no reggae, né? Começa a partir disso, porque tem a referência do *Ganja Jah* e o quanto é legal de pensar que as memórias individuais, elas são coletivas e elas se tornam sociais. Porque a sua filha vai saber da sua história e vai entender como funcionava o bairro, né? Quando a gente olha, também, pra Casa de Cultura Raul Seixas. Então é uma questão de quantas histórias vieram antes da gente, que possibilitou, que deu suporte. Por exemplo, a figura do Edson ali, né? Depois a chegada do Marcelo, depois da Aurora. Então, assim, os coletivos daqui, todos eles transitam muito e a gente se cruza, né?

Wopper: E legal que você falou isso porque... pra você ver a importância que têm esses pontos, né? Porque, a influência que rola, né? Não só do ponto de cultura que é um local que precisa resistir, né, pra essas coisas acontecerem. E as pessoas que tenham atitude pra ocupar esses locais, né, pra fazer as atividades. E o trabalho que elas influenciam. O impacto que o trabalho delas têm, né? Porque impactou a mim, impactou um monte de gente. Que acabou me trazendo pra esse lado, né? Cabou que a gente de uma certa forma tá seguindo isso, né? Tentando impactar outras pessoas pra que as sigam também, de repente.

Nísia CPDOC Guaianás: Obrigada. Valeu mesmo, viu? Pela generosidade de contar.

ENTREVISTADO:

KIKO SOUSA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Nísia CPDOC Guaianás: Bom, boa tarde Kiko [risos].

Kiko Sousa: Boa tarde [risos].

Nísia: Eu queria que você falasse um pouco sobre você mesmo, né? E sua trajetória aqui no território.

Kiko Sousa: Sim, tá bem. Tem que falar meu nome, né? Só minha mãe me chama [risos]! O meu nome é Francisco Assis de Sousa Neto, né? Que vem lá do meu avô. Então tem meu avô Francisco Assis de Sousa, Francisco Assis de Sousa Filho, meu tio. Eu sou Francisco Assis de Sousa Neto. Conhecido desde molecotizinho de Kiko, né? Kiko, Kiko e foi, tipo... Kiko na arte, Kiko no grafite, Kiko na pichação e Kiko na música. E aí veio o Kiko de Sousa, né?

Eu sou músico, produtor musical, professor, né? Então como músico eu... pô, tem todo aquele lance de estudar música pá caramba. Fiquei um tempão estudando música e sempre com o objetivo de ir pra rua tocar mesmo, né? E aí há uns oito anos, por aí, eu conheci diversos músicos e entrei de fato no mercado da música fazendo várias turnês. Né, então eu fiz a turnê inteira, no Brasil inteiro com a Tássia Reis, foi disco dela Outra Esfera. Aí fiz a turnê com o Kamau, Licença Poética, também rodamo bastante. Rodei também com o Mental Abstrato. Depois, mais recente, que todo o processo foi feito aqui no Pela Arte A Zoeira com o Rincon Sapiênci. Então a gente, todo o processo foi produzido aqui, a banda iniciou aqui e a gente rodou também o Brasil inteiro com ele.

Com os trabalhos que eu tenho aqui, né, já... a gente fez todos esses tramos só que a gente sempre teve a ideia de fazer as músicas aqui, né? Aqui onde a gente tá é o Pela Arte a Zoeira, que eu sou proprietário junto com meu irmão, né? Que a gente fez esse lance do estúdio que tinha a ideia antes pra ensaiar esses projetos todos. Foi onde nasceu o Engrenagem Urbana, na verdade o Engrenagem é o processo nessa mudança pra cá, né? E aí a gente começou a ensaiar bastante aqui, e aí com o tempo chegou o Quebrada Instrumental que foi onde eu me reuni com o Wopper, e falei: "Pô, mano, eu tô andando pra lá, vou pra cá, vou pra lá, toco música dos outros, eu não aguento mais, mano... a gente tem que tocar o que a gente quer!" Não é que não seja legal, é legal *pa caramba*. Você tá tocando com diversos artistas, eu acho que é uma experiência que, putz, uma das grandes experiências da minha vida, mas a gente queria fazer alguma coisa nossa, assim. Que aí foi *aonde* que a gente teve a ideia de ir lá na Casa de Cultura Raul Seixas e antes quem era o coordenador de lá era o Marcelo. E eu cheguei com uma ideia lá e falei:

E eu cheguei com uma ideia lá e falei: "Marcelo, a gente tá com uma ideia aqui, de fazer um evento de música instrumental todo final de mês". Aí, ele: "Pô, dahora, vamos agendar e tal!". Aí eu falei: "Vamo agendar. Que dia pode ser? Vamo fazer todo último domingo do mês", aí ele falou: "Vamos fazer! Mas qual é o nome?". Aí eu falei: "É Parque Instrumental". Aí ele falou: "Aí, pô, Parque Instrumental não mano, Parque Instrumental cê só vão fazer aqui só... Quebrada Instrumental!". Falei: "Mano, é esse o nome! É esse nome! [Risos]". Eu sempre falo, "Você que deu nome mano! Foi nós não!" [Risos].

E aí nasceu o Quebrada Instrumental e... há quantos anos a gente já tá aí? Há uns quatro anos, né? Então a gente tá há quatro anos tocando pra lá e pra cá com o Quebrada Instrumental, assim. É um grande marco pra gente porque de fato uma coisa que a gente queria fazer, né? Eu já tinha essa ideia de fazer alguma coisa com o Wopper, pra ele tocar *batera*, eu *tá* ali no teclado, harmonia e ritmo, as coisas sempre se falam, e a gente adicionar outros músicos, né? Aí teve algumas transformações natural, como qualquer outro projeto e tamo aí, tamo aí!

Nísia CPDOC Guaianás: E pra... o começo, assim, da trajetória do Kiko músico, como foi? Qual a escola?

Kiko Sousa: Então, o que que acontece? Tem um lance bem interessante que é o meu professor Nei Papa. Nei Papa, (fazendo som de beijo) todos os beijos pra você, possíveis! Todos! Ele é um... puta... eu não tenho como contar 5 pessoas da minha vida sem falar dele, assim, sabe? Porque eu comecei a estudar em garagem, assim mesmo, vendo esse... essa explosão que teve, musical, aqui, que foi o Reggae na Rua. Aí eu achava muito bom os moleque tocando, mas eu...

por algum motivo eu, ô, queria estudar. Sempre gostei de pesquisar e tudo mais e queria estudar, queria estudar. Aí falei: não! Eu não vou tocar por tocar, eu quero estudar. Mesmo que tocar é bom demais, mas eu achava que tinha que ter o estudo. E aí foi onde que eu conheci o Nei Papa. Foi o cara que abriu. Fui na Compasso Musical, aí bati lá na porta lá, quem abre? Um cara de dois metro, era ele. Falei: “Ôi, eu vim estudar teclado”. Ele falou: “Eu sou professor! Entra aí! [Risos]” Puta, até hoje tenho contato com ele, falei com ele ontem, pra você ter uma ideia. Isso daí se passaram o quê? Quinze anos, assim. E tipo, ele é um dos caras que mudaram minha vida. E aí eu estudei bastante com ele, nós iniciamos tocando com algumas bandas, e aí com outros amigos, e depois eu falei, “ô, acho que eu preciso de fato estudar alguma coisa que me prenda mesmo à música, né?” Só aquele conhecimento não daria a possibilidade de eu entrar de cabeça profissionalmente mesmo, né? Porque a minha ideia, como eu fazia arte, eu pintava, eu falei: “ô, eu vou estudar música pra caramba, eu vou virar professor, aí eu começo a dar aula de música e depois vou lá e faço Panamericana, já era!” Aí cheguei, comecei a estudar música, comecei a tocar, eu falei: “puta, a arte vai ficar bem mais lá pra frente.”

E aí foi isso. Aí eu entrei na Escola de Música e Tecnologia, e aí me formei lá, né? Então eu fiquei quatro anos lá estudando. Pelo conhecimento que ele já tinha me passado eu passei um módulo inteiro, um ano na frente, então eu já entrei, meio que, tipo... como se fosse no terceiro, sabe? E aí fiz até o... fiquei quatro anos, é, fiquei quatro anos. Me formei, difícil pra caramba, *cê tá maluco!* Isso foi na maior maluquice porque era especialização em jazz e eu tocava reggae aqui. Eu queria tocar jazz com os moleques - que foi até daí o lance do Quebrada Instrumental -, estudei bastante, bastante, bastante. Nesse período eu também me envolvi com... lá eu conheci um amigo meu, grande amigo, Fred Fará, guitarrista, muito bom. Que ele fazia produção musical e eu também sempre fui interessado, né? Que falei, putz... comecei a estudar com ele, né? Estudava na escola e falava: “meu, quanto você quer pra eu começar a estudar com você? Porque eu preciso produzir as coisas, né?!”

Eu imaginava que a gente tinha que fazer as nossas coisas pra conseguir, né, dar passos maiores. E aí iniciei também com a produção musical. Então, nesse período todo que eu toquei, que eu venho tocando, eu sempre tive atrelado a produção musical comigo, né? Então produzi algumas coisas com o Engrenagem, os discos, né? Algumas coisas bem soltas aqui também, mas nessa pandemia- nós estamos dentro da pandemia, né, infelizmente, mas foi aonde eu me fixei como produtor musical mesmo. Aí fiz toda a mudança do estúdio e tudo mais, e falei: Não posso estar

na rua tocando e eu tenho que fazer alguma coisa com música e alguma coisa que me mantenha também, né?

E aí, hoje em dia eu falo que eu sou produtor musical, músico, né? Tipo, é, eu não tô na rua tocando, então, mais produtor musical. Nesses últimos cinco meses eu produzo todos os dias, em torno de dez horas, oito horas por dia, todos os dias.

Nísia CPDOC Guaianás: Você falou de... enquanto músico você tocou com diversos artistas, né? E como produtor, você produziu quem, né? Aqui na quebrada, na sua trajetória, você poderia trazer alguns?

Kiko Sousa: É. Tem alguns fatos bem relevantes. Tem o próprio Engrenagem Urbana, que desde o início eu fiz as produções - até mesmo pro meu professor -, me ajudou bastante. Eu produzi um EP do Douglas Reis, produzi algumas coisas soltas, como Cia. Malas Portam, com a Cia. Mapinguari também. Mas, de fato, nos últimos anos que eu intensifiquei mais esse lance de produção musical mesmo. Então produzi diversos artistas, tanto do rap quanto do funk. Que aí o funk entrou na minha vida bem presente mesmo quando eu comecei a dar aula na Fundação Casa, né, de música também, e eu via a força que o funk tinha lá dentro. Eu falava: "Não, não é possível. Nada conversa mais com a juventude do que o funk! Então eu preciso entender qual é o mercado do funk". Foi onde eu entrei e demorei para apaixonar pelo funk, tipo falava: "caramba, sério mesmo que eles gamam tanto desse jeito? E hoje eu sou apaixonado. Que foi outro mercado que eu vi e abriu totalmente minha visão. Por causa disso alguns artistas começaram... acabando... se interessar também, né? Por esse conhecimento tanto no rap, no reggae, quanto no funk, eu comecei de fazer diversas coisas. Comecei a produzir bastante coisa com Rincon Sapiênci, e aí ele me convidou pra, recente agora, pra produzir a trilha sonora do filme do Lázaro Ramos, que a gente produziu, que era pra ser lançado na semana que o mundo parou. Eu falo até com a minha mãe, falo: "Mãe, uou! Eu tô lutando com a pandemia, pô! Cê é louco! Cê é louco!" O grande marco da minha vida ia ser no final de semana: hoje para o mundo, vai! "Todo mundo: fecha todas as portas!". Aí, pô... o filme tá pra lançar, não lançou ainda, né, por causa disso. Ia ser lançado lá no Texas, SXSW, só que ele tá engavetado. Ia ser lançado em Março, né, então tá todo esse tempo parado ainda. O Lázaro falou que não vai lançar, vai esperar um pouco ainda pra lançar. Isso é um grande também, um grande marco na... no lance de produção musical, e hoje em dia produzindo também diversos artistas do funk, né? Inclusive essa semana uma produção minha bate 10 milhões de visualizações. Quer dizer, então eu tipo... me infiltrei assim, mesmo, nesse lance de produção musical, que... e acaba sendo direção musical também. Acho que o futuro é trazer essa coisa da produção musical com direção

musical também. Porque o que a gente gosta mesmo é do palco, não tem jeito! A gente ama estúdio, mas o que a gente mais gosta é do palco. E aí fazer todo o trabalho dentro do estúdio, essa organização toda dentro do estúdio pra depois ir pro palco, né? Eu acho que é isso. É, uma parte é isso.

Nísia CPDOC Guaianás: O filme você falou que vai ainda fazer a produção.

Kiko Sousa: Não, tá pronto.

Nísia: Já tá pronto?

Kiko Sousa: Tá pronto, tá tudo pronto. É.

Nísia: E a que bateu dez mil agora, pode falar?

Kiko Sousa: Dez milhões.

Nísia CPDOC Guaianás: Você pode falar?

Kiko Sousa: Sim, sim. Eu comecei a trabalhar com funk há três anos atrás. Há cinco anos eu dou aula na Fundação Casa. Dois anos eu fiquei: não é possível como o funk é tão poderoso pra juventude. Eu fiquei inquieto com isso e comecei pesquisar. Eu tentava entrar com rap porque era mais a praia que eu tava, pra dialogar, mas eles só sabiam falar de Racionais MC's. E eu, “mas, não... Racionais é outra coisa, tem outras...” Eles só falavam de funk e eu pensei: “Não é possível.” Eu tinha interesse em começar a fazer, mas eu... do nada meu telefone toca e um amigo meu muito antigo, que eu toquei com ele também, como toquei com Viegas e tudo mais, ele falou: “Kiko, tem um empresário querendo um professor de música”. Aí eu falei: “Ah, empresário!? Então fala para mim! Vamo vê no que que dá, mas é funk...” Eu falei: “Puta, boa! Boa, eu tô querendo conhecer o funk”. O empresário entrou em contato comigo, a gente fechou e eu fui lá até a empresa deles. Quando eu cheguei lá tinha o DJ RB. DJ RB e DJ Oreia, que são muito conhecidos no funk. DJs no funk, eles são os produtores, é um nome diferente. Então eu comecei a trabalhar com eles, dar aulas pra eles. E aí fui entendendo esse mercado. Eu fiquei apaixonado porque é um ritmo totalmente diferente, totalmente diferente do rap, do reggae, totalmente diferente, eu já me apaixonei por essa dinâmica, eu gosto dessa coisa bem rápida. E aí tudo bem. Começamos a trabalhar e fazer as aulas, aí um dia eu falei: “Bom, por que a gente não trabalha junto, né? Então eu faço as coisas de harmonia e você faz a batida.” E ele falou: “Puta, beleza! A gente precisa de um cara como você!” A partir daí a gente tem o quê? Acho que quase 300 milhões de visualizações de Youtube, eu e ele, assim. É muita coisa mesmo, assim. A gente produziu muita, muita, muita coisa em três anos. Fez artistas mesmo, eu vi artista saindo do nada e artista sendo conhecido no Brasil inteiro, assim.

É... e aí chegou um momento que ficou insustentável aquilo ali, né? Eu fazer só aquilo e o meu nome não tá ali também. As coisas começam a ter... começo a pensar em outras coisas também, né? E eu com esse lance da produção musical muito colada em mim, eu falei, puta, mas, eu tô fazendo um monte de coisa, mas eu não tenho tanta assinatura dessas coisas. Eu falei, “óh, eu vou dar um *time* pra eu começar a produzir minhas coisas.” E aí foi no ano passado... é, no início do ano passado, que eu falei “putz, eu vou dar um *time*” e comecei a produzir. Como eu tinha muito contato com os MC’s, eles gostavam de mim pelo fato, né, da gente fazer as coisas juntos, aí eles falaram: “puta, Kiko, então vou começar a deixar algumas vozes com você.” Aí falei, beleza! Aí foi nessa que eu produzi uma música do MC Charada que é *De Frente Pro Mar* e ela tá com 9.600 milhões, tá batendo 200 mil visualizações por dia, assim, uma coisa louca. E aí lançou, esse mês agora faz quatro meses, né? Vai bater dez milhões agora, essa semana.

E aí pra mim é... aí eu... a partir disso eu assino, né? Começo assinar como produtor de funk também e é um lugar que eu também queria ir, um lugar que eu queria ir também, penso muito nessa estratégia do funk para o pop, sabe? Para esse mercado popular que tá acontecendo de Anitta, Ludmilla, sabe? Essas coisas grandes que eu acho que é interessante ter um núcleo aqui também. Eu penso muito isso de ter aqui alguma coisa que de fato seja forte no mercado mesmo, sabe? A gente já fez bastante coisa aqui no local, diversas coisas, diversas coisas, só que nada tão relevante que apontasse os olhares pra cá, né? Então, tipo, o Lázaro entrou aqui com a gente. Ninguém imaginava isso! Mas nem assim a gente conseguiu ter estrutura pra... como eu posso dizer...? É... credibilidade profissional pra se manter. Ainda assim, a gente tendo toda essa história, ainda sua pra viver de música, sabe? Então a gente... eu imagino que tendo essa relação do funk com o pop e com o rap, tentando fazer essa mesclagem a gente vai conseguir ter artistas que vai ter grande expansão e de fato que a gente mude mesmo, sabe? Esse é o grande pensamento pra esses próximos anos aí.

Nísia CPDOC Guaianás: E o lugar da Quebrada Instrumental? Que lugar que ocupa aí na sua carreira?

Kiko Sousa: Então, o Quebrada Instrumental, ele é o... é o que eu até falo pro Wopper quando a gente vai tocar, né? Eu falo: puta, agora chegou o momento da gente fazer o que a gente mais ama, né, tipo na música e tal. Como eu falei: a gente, o músico quer ter a liberdade de tocar, de tocar. E o Quebrada Instrumental nasceu aí, da gente tocar e fazer o que a gente quiser no palco. Então é mais ou menos isso, assim. E o Quebrada a gente, a princípio, a gente pensou uma vez

por mês, né? E aí ela foi parando, aí foi se acertando. E aí a gente criou de fato uma identidade, né, nesses quatro anos, criou uma identidade e a gente agora, hoje, existe o Quebrada Instrumental pra muita gente. Então a gente fez o Vila Tororó, a gente tocou. A gente tocou na Galeria Olido, né? Então várias vezes teve várias participações, né, então, tipo, a gente tocou com o Kamau, com a Stefanie que é do rap, né, MC. O que eu sempre penso com o Wopper é a gente tentar fazer um trabalho com a nossa identidade pra que também tenha esse trabalho, que a gente traga essa música instrumental pro bairro da gente, né, que é aqui Itaquera. Quer dizer, então a gente não tem, não tinha, pelo menos, né, um lugar que a gente ia pra assistir música instrumental, né? Só que ao mesmo tempo a gente não queria aquele jazz standard de ficar lá *tu-tu-tu*, tudo muito certinho, não! Tinha que ser meio que do nosso jeito, assim. Então, tipo, você tá lá, cê tá tocando, toma nossa catuaba, toma nossa cerveja e tem essa liberdade de tocar.

Ocupa um grande espaço pra mim até porque o projeto que a gente tinha, a gente planejou ele por muito tempo, né? A gente não planejou, puta, no papel, mas a gente falava muito em ter algum projeto que desse essa descarga mesmo, sabe? Puta, você chegar lá e tocar. Tocar e ficar tocando e tudo mais e... funcionou, funcionou. Hoje em dia, nesse período de pandemia, horrível, a gente fez algumas *lives*, né? A primeira também foi com Kamau, participação do Kamau. Aí teve outra com a participação do d'Oliveira e da Thalia, né, que eles são artistas também que a gente produz aqui. Pô, tá rolando, tá rolando. A gente pensa em expandir pra lugares que aceitam essa estética nossa, né? A gente não imagina tocar num lugar de jazz mesmo, né, porque a gente toca o jazz, mas é totalmente diferente que é com a nossa cara. Tipo assim, a gente participou, por exemplo, com Max B.O. – Max B.O. falou: “Puta... caramba, mano! Pior que vocês têm a identidade de vocês, sabe? Vocês tocam a música” Porque geralmente música instrumental toca música de diversos outros artistas, né? Músicos instrumentais e tal. E aí ele falou – puta, tem identidade.

Puta, que bom que a gente conseguiu essa identidade, né? E foi tocando, sabe? A gente não planejou nada, porque mal a gente ensaiava. Eu não sei se o Wopper falou que a gente... eles falam que eu não gosto de ensaiar, jazz é tocar! Jazz é tocar! Já sabe o tema, o tema é tocar, não tem jeito! A gente criou a nossa identidade tocando durante esses quatro anos, assim. Graças primeiramente a Casa de Cultura Raul Seixas.

Nísia CPDOC Guaianás: Então é um encontro de improviso? É possível falar?

Kiko Sousa: É, né? É, também! Até a gente fala, pô, é o lugar que a gente mais dá risada, assim, né, das bandas, porque não dá pra mim ficar lá e fazendo qualquer coisa. Ali a gente já toca muito livre, é liberdade mesmo, de verdade. Quer dizer, então, tipo... óbvio que tem aquele lance dos temas que a gente segue, né, seguir o tema, mas a partir do momento quando abre pro improviso, dependendo de, sei lá, dependendo de se o Wopper estiver muito inspirado no dia, ele vai ficar lá improvisando e a gente vai junto com ele, sabe? Então, sem dúvidas também é um encontro pra improvisar, pra sorrir, pra ficar bem, assim. Sempre, sempre. Sorte que são aos domingos, né? Às vezes salva o domingo, o Quebrada Instrumental [risos]. Tá fazendo uma falta...

Nísia CPDOC Guaianás: E vocês recebem convidados? Como que funciona o projeto, assim?

Além de vocês, vocês recebem convidados no Quebrada?

Kiko Sousa: Então, o Quebrada Instrumental que a gente pensa é sempre trazer, né, o convidado. Tanto artistas que já têm um conhecimento, né, que é legal porque expande, quanto também artistas que não tem agenda. A gente pensou muito isso, assim, né. O d'Oliveira por exemplo é um artista que ele nasceu aqui dentro, né, e boa parte da agenda do Quebrada Instrumental, depois que ele nasceu de fato como um artista, ele participou. Quer dizer, então isso ele fala mesmo que ajudou muito esse início dele, né? Porque aí você pega um artista e mesmo que a gente... a gente tá fazendo um trabalho, então... um trabalho contínuo. Então tem pessoas que acompanham, né, então quando a gente pega um artista e coloca, esse artista parte pra ser conhecido também, né. A Thalia Abdon também. Ela era da zona sul, ela já tem mais uma trajetória dela, só que a gente fez com que ela fosse conhecida mais pela zona leste, então ela rodou bastante aqui com a gente, né? Então a gente tem essa ideia de tanto trazer, como foi o Kamau, por exemplo - que aí também implica na prata, né? Aí quando tem prata a gente consegue chamar [risos]. Quando não tem a gente até tenta. Apesar que a gente fez, inclusive no C.O.R.A.G.E.M, uma participação com o Kamau também, que foi muito legal. Então a nossa ideia é cada vez mais abrir, mas sem dúvidas com artistas novos, assim. A gente tem essa ideia de trazer artista novo, tanto é que nas participações do Kamau, teve participação de artista novo, assim, sabe? A gente quer ser esse expoente também de outros artistas, tentar dar visibilidade com o pouco que a gente tem, dar visibilidade pra outros artistas também que não têm às vezes nem repertório, né? A gente ia tocar com o d'Oliveira e ele não tinha repertório pra segurar um show, por exemplo. Ele tinha duas, três músicas, mas ele já participava com a gente. Quer dizer, nasce ali um artista, né? Nasce ali.

Nísia CPDOC Guaianás: Quais são os lugares de memória do Kiko aqui na quebrada? Os lugares de memória, assim: ah, eu, enquanto artista tô começando, enquanto artista tais e tais lugares foram importantes pra mim, eu trago memórias importantes desses espaços.

Kiko Sousa: Sem dúvida nenhuma o Reggae na Rua segue sendo, não tem nem o que falar, é um grande marco, assim, mesmo e tanto é que depois que eu comecei a rodar quando eu falava que era daqui da Cohab o pessoal conhecia pelo Reggae na Rua, era muito louco isso aí. "Lá tem um monte de banda de reggae, né?" Aí eu: "Tem!" "Ah, então lá é um lugar de banda!" Porque nos outros lugares não tinham banda, nos outros lugares tinham MC's, rappers, MC's de funk, enfim... mas tinham poucas bandas. Aqui tinham muitas bandas, né? Então o Reggae na Rua sem dúvida nenhuma. O Reação Hip Hop também, o próprio Reação, né, Arte e Cultura. Mais pra cá, agora, mais pra cá o C.O.R.A.G.E.M também, que a gente tocou. O Quebrada Instrumental tocou na inauguração do C.O.R.A.G.E.M. Tocou na inauguração do C.O.R.A.G.E.M. E... deixa eu ver mais lugar... A própria Casa de Cultura, né, que abriu esse espaço pra gente. Já tinha tocado lá com outros projetos, mas o Quebrada Instrumental mesmo nasceu ali, né? Pô... Praça Brasil, a gente tocou ali muito esporadicamente... Hum, acho que é isso, né? Aqui, "Pela Arte", é tudo pra mim, né, não tem jeito, né?! Eu vivo praticamente o dia inteiro aqui, né? Moro aqui. Sair de casa... durmo em casa, só. Chego em casa e tá a maior bagunça do caramba, o estúdio organizado, a bagunça em casa, só durmo em casa. Mas acho que são esses lugares assim mais fortes que tenho em memória. Óbvio que eu posso estar esquecendo de alguma coisa, sem dúvida... mas esses são os mais fortes.

Nísia CPDOC Guaianás: E o que você acha desses espaços pros artistas locais, assim? O quanto contribui ou não contribui, assim?

Kiko Sousa: Eu acho... eu não sei se existiria muita coisa se não existisse esses lugares, né? Então, é... hoje mesmo que eu tenho ligação diretamente na música, né? Não faço outra coisa, música só, eu consigo ver outros artistas, principalmente na literatura, os poetas e tudo mais assim, florescendo, transbordando por causa desses lugares, né? Precisa desses lugares, né? É necessário esses lugares, na minha cabeça. Hoje em dia, tipo o exemplo do espaço do C.O.R.A.G.E.M, por exemplo, é fundamental para que a cultura seja viva ainda, né? Porque é natural também... nada se consegue se manter por muito, muito tempo, né? Então a gente ficou de frente com Reação Hip Hop, por exemplo, anos, cinco anos... Mas acaba também - Eu tô falando por mim, individual, como artista, produtor -, acaba sendo insustentável conseguir ficar ali de linha de frente. Então precisa de outras pessoas. Então quando chega uma outra pessoa,

mesmo que tenha algumas outras pessoas mais velhas, que é super importante para conseguir manter, né, a trajetória da coisa e tal, nasce um outro produtor cultural ali, né? Então eu acho fundamental. E quando nasce um produtor cultural, nasce um moleque que viu o Wopper tocando bateria e quer começar a tocar bateria também. Foi assim, né? Foi desse jeito que a gente quis, né. No início eu vi os moleques tocando, e aí eu tocava em casa, ali, com o tecladinho desse tamanhinho que meu pai tinha me dado, pequenininho, aí falava, “puta, legal, mas eu não quero ser músico eu quero ser artista plástico”. Só que aí essa coisa foi... todo final de mês eu via lá aquela banda, lotado o lugar. Falava, não, eu quero tocar isso aqui também. Fui e as coisas mudaram totalmente a minha vida, de fato, né? Eu falo pros moleques, os moleques que iniciaram na foto de vocês (referência a entrevistadora) ajudaram minha vida assim... Então eu acho que é necessário esses lugares, que hoje tem pouco até, né? Hoje infelizmente tem pouco. Mas como é um lance difícil de se manter, né? É difícil por ideias, por ideais, que é natural, normal. Cada um com a sua cabeça, nessa mudança maluca que tá acontecendo com tudo. E eu acho que também objetivos, né? Eu parei de fazer as coisas com o Reação, mas não porque eu não... qualquer outra coisa lá. Era porque eu precisava pensar na minha carreira artística. Precisava, não tinha como. Eu não tinha mais como ter aquele espaço, sabe? Então abri um espaço pra entrar uma outra pessoa que tava naquele mesmo sangue e segui mais cinco anos. Oh, eu cheguei até aqui. Vem alguém aqui me ajudar pra continuar carregando, eu vou sair só um pouquinho, se vocês precisarem eu volto. Eu acho que é fundamental, necessário esses lugares, sem dúvida nenhuma. Tanto lugares, quanto pessoas, como você, né?

Nísia: Como eu? [Risos].

Kiko Sousa: É.

Nísia CPDOC Guaianás: E quais foram suas principais dificuldades, assim, que você... do caminhar, né? Enquanto músico? Tanto você Kiko, né, quanto o Quebrada. As dificuldades que vocês encontraram, né, pra seguir.

Kiko Sousa: Sim. O Quebrada nasceu com a gente já... muito... como que eu posso dizer? Na minha cabeça eu já tinha toda a certeza de que eu ia viver de música, quando o Quebrada Instrumental nasceu. Então várias coisas dali já foram: não, peraí, isso daqui é um problema que a gente vai passar por cima, né? Por exemplo, o músico não vai vir. “Pô! O músico não vai vir! Não sei o que, não sei o que!” Antes era um desespero, a gente ficava louco! No início. Hoje não: vamo lá. A gente consegue organizar porque a gente já sabe como caminhar da música e tal. Acontece isso mesmo. Se aconteceu em palcos gigantes vai acontecer em todo lugar, vai acontecer em todo lugar! [Risos] Mas a dificuldade da música mesmo, sem dúvida

nenhuma é o que a gente mais tem na periferia, né, tipo... a gente não tem autoestima, né? A gente não é ensinado na escola, tipo, um músico, um professor de música, eu não tive aula de música na escola, né? Então que referência eu poderia ter? Meu pai ficava tocando guitarra na minha frente (faz o som da guitarra e ri), aí eu olhava pra ele, puta, eu gosto pra caramba de rock, mesmo. A vida inteira escutei Ratos de Porão, Sepultura, tal, mas eu não queria tocar aquilo [risos]. Eu cheguei com um teclado, meu pai me deu um teclado e falou: “Não, beleza. Eu tô te dando esse teclado aí, tecladinho pequenininho”. Ele falou assim, desse jeito pra mim, lembro até hoje: “Esse teclado é seu. Se você quiser uma guitarra, eu dou a guitarra que você quiser”, “Não, pai. Eu gosto de teclado, eu não gosto de guitarra não, sabe? [Risos]”.

Tipo, quer dizer, a única influência que eu tinha era dele, ele é músico até hoje, toca violão, me ajudou muito nessa ideia. Porém, eu não tinha mais ninguém, né? Eu não tinha... me influenciava com os meninos da rua. A minha mãe não acreditava, minha mãe não acreditava. “Que bom que você não me obedeceu!” [Risos]. Ela fala até hoje isso. Eu falo: “É, né? Que bom”. Porque ela falava: “Pô, não dá. A gente não tem estrutura pra esperar esse estudo”, né? Porque eu trabalhava e pagava o que eu tinha pra escola. Só que em casa, faltava em casa, porque precisava chegar em casa com as coisas. Então foi esse período que eu fiquei, sabe? Que é a parte mais difícil. Pessoal fala muito sobre a família, né? A família, até a família entender que você é músico, entender o que que é ser músico, demora muito tempo, né? Quando eu fui pegar minha última apostila na escola, o professor chegou e falou assim, ó: “Ó, tá aqui sua apostila. Parabéns!” E eu louco pra querer..., já tinha pedido a conta no trabalho, já tinha feito tudo. Falei não vou mais fazer isso, quero fazer música, seis meses só, eu vou ter que arrumar um trampo. Falei: “Professor, por favor, me fala o que eu preciso fazer pra entrar no mercado da música, ganhar dinheiro com música, porque eu preciso pagar as coisas em casa.” Aí ele foi mostrando pra mim os caminhos que eu podia seguir com música. Então você pode ser um músico de estúdio, você pode ser um músico de palco, você pode ser um produtor musical, você pode ser um músico que toca instrumento, você pode ser um músico que escreve partitura. E eu falei: “Eu, tudo isso, todas essas possibilidades?” E ele: “É!”

Era isso que eu esperava. Só que eu esperei quanto tempo pra ter isso? Eu precisei ter um cara com conhecimento gigantesco, no último semestre, me falar isso. A partir daí eu fiquei maluco, eu comecei bater nas escolas pra eu dar aula. E aí meu primeiro trabalho com música foi dando aula, né, na escola. Então eu acho que a parte mais difícil mesmo é essa conscientização, né?

Essa conscientização. Não, peraí, eu sou um músico! Então, pô, o meu currículo... peraí, apaga aquele currículo lá que você tinha de telemarketing lá, esquece tudo aquilo. E começa a fazer um currículo, né? Aí eu tal, toquei não sei aonde, toquei... enfim. E aí, foi a partir disso que eu comecei, mas demorou pra caramba pra ganhar dinheiro. Não ganhou até hoje, né mano? [Risos] Você fica batendo pra lá e pra cá, mas a gente é bem feliz assim com o caminho.

Nísia CPDOC Guaianás: E assim, na sua trajetória, assim, você destacou alguns momentos de felicidade, engracado...

Kiko Sousa: Engraçado?

Nísia: Ou de felicidade.

Kiko Sousa: Tem um negócio muito bom que é tipo, daqui do “Pela Arte”, né, nesse espacinho pequenininho aqui, a gente ensaiou o show do Lollapalooza. Foi muito louco! A gente tipo, sei lá, sete, oito pessoas dentro desse espacinho, aí de repente 70 mil pessoa na nossa frente, a gente tocando. Isso daí foi grande pra caramba.

Deixa eu ver... Ah, eu saí correndo: ver minha filha nascendo, “Rá, rá! Deixa eu pegar, deixa eu pegar!” [Risos]. Eu fui o primeiro a ver no mundo, viu? A mãe tava ali, “ah, saiu!” depois a mãe viu. E depois, a partir desse nascimento eu vim correndo direto pra van, assim, a van tava me esperando: “Nós vamos ficar esperando você aqui porque eu sei que é importantes essas duas coisas pra você, então a gente vai chegar atrasado pro show.” Isso aí foi importante também pra caramba.

Deixa eu ver... Ah, tem algumas coisas que são grandes, né, tipo as conquistas todas, tipo... é... aquisições que a gente nunca imaginava que a música ia dar também. Essas são as coisas tipo casa, carro, essas coisas que eu nunca imaginei, né? Tipo ter contato com artista que a gente é muito fã também, que nunca imaginei, sei lá, tá falando com... receber um áudio de manhã do Lázaro Ramos: “Fala Kiko, tudo bem? Não sei que...” [risos], vou morrer desse jeito aqui” Essas são as coisas legais e fora a melhor parte mesmo é o palco, sempre. Independente do palco. Só *live* é muito estranho fazer, [risos] é muito estranho fazer. É melhor falar aqui, ó, desse jeito, do que tocar aqui pra vocês. Nossa, é muito estranho fazer *live*, eu não vejo a hora de passar isso. Eu não vejo a hora, não vejo a hora.

Nísia CPDOC Guaianás: E... da questão das suas influências: suas principais influências, assim, na música.

Kiko Sousa: Estilo musical?

Nísia: Estilo musical e também referências de pessoas.

Kiko Sousa: Ah, sem dúvida nenhuma o meu professor Nei Papa. O Nei Papa eu agradeço ele muito. Quando eu estudei, né, quando fiz o conservatório MT, eu estudei especialização em jazz, então, quer dizer, você fica... o professor faz você ficar louco por jazz, então você fica tocando, né? Você pega um... Vocês já devem ter visto alguns caras no metrô, assim. Então essa cara tá estudando ou jazz, ou samba ou alguma coisa. Eu fiquei assim por um tempo, só que sempre tive minha identidade de periferia, né? Então sempre teve o lance do *rap* envolvido, né? Então tem o meu grande parceiro, que é uma influência grande pra mim em diversos aspectos, que é o Samuel Porfirio, meu irmão. Me ensina muito, também me ensinou muito no *rap*, toda essa coisa abrangente e hoje em dia eu sou mais eclético, mesmo. Quando você se torna produtor musical você abre mais ainda o leque. Quando você tá no palco tocando é uma coisa, quando você se torna um produtor, e aí chega diversas coisas pra mim. Eu tava produzindo um brega funk esses dias aí (imita os sons) alto pra caramba, daqui a pouco eu escuto uma risada. A porta do estúdio tava aberta e a risada era meu irmão: “Mano, o que cê tá fazendo aí?” Aí eu falei: “Tô produzindo. Que que é isso?” Falei: “É o brega funk do cara”. Falei: “É, os caras chegaram aqui, eu tô achando dahora produzir, mano, tô achando da hora!”

Então abre bastante, né? Abre muito, assim, muito o leque. Hoje em dia eu sou influenciado por tudo, assim. E de fato na minha cabeça não existe música ruim, existe música que você não gosta. Existe uma música que você não gosta e de repente eu gosto, sabe? Tem esse lance mesmo. Mas basicamente sou influenciado por diversas coisas, o Vinícius sem dúvida nenhuma foi meu professor.

Nísia CPDOC Guaianás: Você falou do show do Lollapalooza, você tocou com?

Kiko Sousa: Com o Rincon. Com Rincon Sapiência.

Nísia CPDOC Guaianás: Quantas mil pessoas você falou?

Kiko Sousa: Puta, acho que tinha umas 60, 70 mil pessoas, é. E foi com a gente tocou com a participação da Iza lá né? Então a Iza já tinha feito aquela, o Pesadão dela, então ela já tava no ápice, assim, gigante, ela já era uma artista gigante, né? Igual ela contando aí agora. Então foi um impacto assim né, desde o ensaio, né? A gente ensaiou tudo aqui, preparou todo o show aqui e depois foi pra um estúdio grande pra receber ela. Aí a gente ensaiou, tipo, os últimos dois ensaios foi num estúdio maior, tal. Que era muita gente, que a gente também precisava dar espaço, né? Porque tá, pô... eu do seu lado assim, de repente você... cinco metro, muito grande, assim, sabe? Então foi bem legal, esse show foi um, um marco também, legal pra caramba.

Nísia CPDOC Guaianás: E dentro do Quebrada Instrumental, qual o público de vocês e o canal de comunicação que vocês têm maior com o público, assim?

Kiko Sousa: Então, a gente tem o Instagram, né, que são as redes sociais que a gente divulga, né? Devido a uma série de coisas quem fica mais ali de frente sou eu e o Wopper, então a gente divulga o máximo que a gente consegue. Então a gente planeja os flyers dos vídeos e vai colocando, né? Essa é uma forma de divulgação que a gente usa. E os lugares que a gente vai tocar também, sem dúvida. Assim, sempre tinha esse lance de fazer um flyer, mandar pro pessoal e o pessoal divulgar também, né? Mas nascia tudo aqui com a gente. Então tinha até um lance que a gente queria fazer uma exposição dos flyers porque a gente, nos primeiros anos, a gente sempre homenageava no nosso flyer algum instrumentista, né? Então era uma identidade muito nossa. Até os flyers, assim, a gente não colocava só Quebrada Instrumental. A gente homenageava, sei lá... algum músico e fazia divulgação. Mas a nossa comunicação que a gente tem direta é com Instagram, né? Facebook, YouTube, né, também.

A gente pensa... a gente ficou não sei quantos anos pra fazer uma música [risos]... Também tem esse lance de música instrumental, né? Puta, a gente fazer um tema de música instrumental que vai se tornar nosso, assim... até isso, por a gente não ter – não é influência, é referência de outros músicos ou bandas, a gente sentiu essa dificuldade. Como assim a gente foi fazer um tema de música instrumental? Mas é um tema como, sei lá, Herbie Hancock também fez um tema, então a gente vai fazer o nosso tema, sabe? A gente sempre pensa em entrar em estúdio com outros artistas e produzir músicas com outros artistas. A gente fez com as meninas dA's Trinca uma música. Foi bem legal, gerou um videoclipe que é A's Trinca com participação do Quebrada Instrumental', né? E a gente produziu tudo, entramos em estúdio, gravamos tudo, elas gravaram e nós fizemos o videoclipe e lançou, né? Então a gente tem essa ideia ainda, assim, né? Sei lá, de repente lançar um projeto, alguma coisa, se vocês souberem aí alguém que tá... certo? Chega aí e acredite no Quebrada Instrumental [risos].

Allan: O que é esse espaço aqui?

Kiko Sousa: Aqui? É... aqui é um estúdio... estúdio, produtora, né? Estúdio mesmo. Estúdio, produtora. Produtora, aqui é uma produtora. “Pela Arte A Zoeira”, aqui, que aí é uma marca de roupa, e aí é um monte de coisas. Sabe aqueles sonhos que você vem trazendo, assim? Pô, eu

era louco pra ter uma marca! É uma marca! Puta, sou louco pra ter um estúdio! É um estúdio! Sou louco pra produzir não sei o que... é mais ou menos isso.

Nísia CPDOC Guaianás: Durante a pandemia vocês conseguiram se manter como? Com COVID, fomentados? Fazendo as *lives*? Vocês conseguiram fomentos? Qual a dificuldade que vocês se viram diante do COVID?

Kiko Sousa: Então, vou ser bem sincero. Tipo, eu acho que, como todo mundo, acho que no primeiro mês foi meio maluquinho, né? Todo mundo ficou bem baqueado, assim. A gente ficou bem baqueado, não sabia o que fazer, na real. Ficava... ou se ligava e ficava uma hora falando e depois ficava cinco dias sem falar, torcendo pra que todo mundo ficasse bem. E aí passou esse primeiro momento e aí começaram pingar algumas *lives* pra fazer, né? A gente trabalha direto com o pessoal da 3treze, que ajuda bastante a gente, a 3treze que é uma produtora, né? Que tem o Betão – um salve pro Betão - que sempre apoiou muito a gente, deu muita força nesse período, assim meio que: “Pô, vamos continuar!” Porque a ideia é que todo mundo tá meio que “vamo parar e vamo esperar isso acontecer, né? Passar.” A gente ficou um tempo e aí apareceu essa data com o Kamau e a gente ficou com o Kamau. Aí deu um puta de um respiro, né? Porque, se eu não me engano, essa data com Kamau ia ser em março, a gente ia tocar mesmo, né? E aí ela foi pra... não me lembro pra que mês agora.

Não lembro pra que mês que foi. Foi pra junho, enfim. Era pra ser abril, foi pra junho. E aí puta! Demo uma respirada, puta, tamo vivo! Aí ficamos, puta, como que a gente vai fazer? Porque o pessoal queria que a gente se juntasse [risos]!“ Aí e eu falei: “Eu não vou me juntar com ninguém, não!” Aí ninguém também concordou, falou: “Não, pô, os caras quer que a gente jura no período de pandemia! Não dá, não rola!”. Aí conversando com o Beto mesmo, falei: “Beto, o que a gente pode fazer é cada um gravar na sua casa, fazer o vídeo, né? A gente mixa todo o áudio, manda o áudio mixado pro editor de vídeo, o editor de vídeo faz todo o processo, né? Aqueles quadradinhos, e ao em vez de a gente tá tocando ali, seria um vídeo que ia passar no mesmo horário, com um vídeo gravado”.

Puta, deu super certo. Nós não acreditamos, assim. Kamau gostou muito também e aí a gente fez essa e foi: puta, respiramos! Puta, então quando aparecer as outras a gente já sabe o que fazer, né? Porque até então a gente continuou: a gente vai ter que se juntar, ninguém quer se juntar, não vai ter mais show, vamos ficar o resto do ano sem tocar. Aí a gente conseguiu fazer

isso, aí fez essa agora com o d'Oliveira e a Thalia Abdon também, que foi agora, recente também, mês passado (referente a agosto de 2020).

Nísia CPDOC Guaianás: E também, ainda do Quebrada Instrumental, pensando no Quebrada Instrumental, quem tava na formação, quem permanece? Quem passou?

Kiko Sousa: É muita gente mas eu vou lembrar, sim. Então iniciou eu, Wopper, Call Gomes e o Nicolas Carneiro, né? O Nico já tocava comigo e com o Rincon. O Call tocava também comigo com o Engrenagem que também depois o Wopper entrou. Quer dizer, a gente sempre, ambos, músicos amigos, né? Oh vamos fazer? Vamos!

Ficou uma troca ali entre os dois, entre o Nicolas e o Call, que era baixo e guitarra e ficou um período um tocando baixo e o outro tocando guitarra, e mudou. E aí chegou essa pandemia. Eu acho que foi um soco pra todo mundo, dentro disso tudo, porque a gente, somos nós quatro e tínhamos outros convidados, né? Então tem a Cintia Piccin que participava muito com a gente, o ôô o Beto já trabalhou com a gente bastante, o Richard Fermino também tocou e diversos outros MC's. Como eu falei: nessa pandemia foi um soco muito impactante, assim, pra gente. O Call parou com todos os projetos dele, né? Então ele se desligou dos projetos, de tudo que ele fazia e foi respirar outras coisas, né? Ele mesmo definiu desse jeito, né? Ele definiu assim, “Puta, não dá pra mim, eu não tenho cabeça pra isso tudo. Eu vou seguir outra coisa porque eu não tô conseguindo.” Aí ele parou.

O Nicolas foi pra praia [risos], é doido isso, né? Foi pra praia nesse período, né? E ficou lá [risos]. E a gente tentava falar com ele e não conseguia falar, a gente teve que colocar outro guitarrista - e ele é ainda (do Quebrada), né? Só que ele não tá aqui. E aí então, de fato, tá eu e o Wopper encabeçando como sempre encabeçamos mesmo o projeto, e hoje em dia a gente traz outros músicos pra participar, assim. Na última *live* que teve foi eu, Wopper, o Júlio (que é um baixista) e o Matheus que é um guitarrista também. Então, quer dizer... foi se transformando. E a gente, por essa caminhada que a gente tem, a gente nem... acho que é meio que natural, né? Natural as pessoas saírem e tudo mais. Tá acontecendo: o Quebrada Instrumental tá aí. Chama a gente aí pras *lives*! [Risos].

Nísia CPDOC Guaianás: E pensando na história do Quebrada Instrumental, assim, é... tem algum objeto, fotos, imagens que você mandaria pra um museu, por exemplo?

Kiko Sousa: Ah, tem uma foto muito linda, tem uma foto que eu guardo bastante que é uma foto que... lá na Galeria Olido. Tá eu, o Wopper, o Call, o Nicolas e o Fernandão, que é um

parceiro nosso, o Fernando Ventura, que faleceu recente. Então... e foi um show incrível, assim, que a gente fez. Foi bem legal esse show. Mas ali foi... é uma foto que eu tenho... sabe? Tá todo mundo ali com um sorriso legal pra caramba. Óbvio que tem alguns vídeos, mas no que você falou o que vem na minha cabeça é isso mesmo, que é uma foto que, tipo, sempre que passo por ela, penso: pô, esse dia foi legal! E todo mundo tava bem no dia, sabe? Eu acho que é essa daí. Um objeto? Não tenho... antes era a Catuaba Band o nome, então todo show que tem, tem que ter uma garrafinha de catuaba por causa do Wopper.

Nísia CPDOC Guaianás: Tem mais alguma coisa, assim, que você gostaria de acrescentar que eu não te perguntei, que você acha que é importante e que define a trajetória de vocês? Do Quebrada Instrumental?

Kiko Sousa: Do Quebrada...

Nísia: A sua e do Quebrada, assim.

Kiko Sousa: Sim... Bom, eu falei sobre a autoestima, né? Acho que, tipo... a gente tem que ter esse lance da autoestima, mesmo. A gente tem que incentivar pra que as pessoas tenham autoestima no que vão fazer, mesmo. A periferia é muito devastada, a gente é tipo derrubado. Derrubado, assim. Fora a gente ter essa distância muito grande da zona leste pro centro, fica empurrrando cada vez mais a gente aqui. E não tô falando nem de um indivíduo daqui, muito pelo contrário, mas é interessante a gente ter mais expansão pras coisas. E eu acho que o que conta muito mesmo na periferia, que eu me considero um músico de periferia - a vida é aqui, não tem jeito, não saio daqui. Eu não saí daqui, tô 100 dias aqui, não fui nem pra Artur Alvim. Fiquei aqui, rodando aqui. E sem dúvida nenhuma acho que é isso, assim. A autoestima entre realizar as coisas, sabe? Se influenciar nas pessoas, tipo, certas, assim. Para que a partir disso você dê novos passos e continue acreditando nos seus sonhos, sem dúvida, nunca desistir.

Renata CPDOC Guaianás: Eu queria que você falasse um pouco dessas parcerias, assim, porque vocês tão... Itaquera na Cena, o Engrenagem Urbana, como é que... ou outros grupos! Como é que isso se inter-relaciona entre vocês, assim?

Kiko Sousa: Com o Quebrada?

Renata CPDOC Guaianás: É, com o Quebrada.

Kiko Sousa: Bom, o Itaquera na Cena é um projeto que a gente, eu e o Thiago Rocha, escrevemos pro VAI em 2011 e 2012. A gente ficou em temporada em 2011 e 2012, se eu não me engano. E aí foi um projeto bem legal que a gente colheu entrevistas - bem parecido com isso aqui, bem parecido - tipo, entrevista de artistas da região e desenvolveu um site e colocou. Teve também alguns videoclipes, né? Foi muito perto do início do “Pela Arte A Zoeira”, que é

aqui onde vocês tão, porque foi aonde eu entendi também, né... verbas... era muito... não chegava, né? E eu não entendia o que é isso, né? Foi muito maluco, lembro até hoje, assim, que eu ficava: "Mano, é verdade isso, mesmo? É verdade isso?" E aí foi onde nasceu o "Pela Arte A Zoeira", também. E aí esse projeto se estendeu por durante um tempo. Chegou o momento que também ele se desfez. Normal, né? Thiago tinha outras ideias. Como o nome Itaquera na Cena era dele e ele já tinha outras ideias pro projeto, eu também já tinha outras. O "Pela Arte A Zoeira" já tinha nascido, a gente também já tava comercializando roupas e tudo mais... eu fiquei tocando aqui, ele foi tocar pra lá, normal. A gente é amigo até hoje. E aí, nesse período, nasceu o Engrenagem também, né? Tinha já o Engrenagem Urbana. E a gente, com o Engrenagem a gente mudou bastante, né? A gente mudou bastante, assim. E... foi meio que dali. No meu caso eu fazia uns shows com os artistas, com o Engrenagem Urbana também, só que queria fazer o Quebrada Instrumental, igual eu falei no início, né? Aí encontrava o Wopper no final de semana para tomar cerveja e falava, mano... a segunda cerveja a gente já tava falando, "mano, tem que fazer um projeto, só pra nós ficar tocando". E aí foi mais ou menos isso, assim, sabe? O que sempre ajudou é porque um sempre divulgou o outro, né? Então a gente tava fazendo um show com Engrenagem e tava divulgando o Quebrada Instrumental. Tava em outro lugar, tava divulgando... Quebrada instrumental nasceu assim, também, né? Não sei se foi essa a pergunta que você fez.

Nísia CPDOC Guaianás: Acho que pra quem tá vendo, né, legal você falar o que que é o Engrenagem...

Kiko Sousa: Sim, claro.

Nísia CPDOC Guaianás: E cada um desses nomes citados aí.

Kiko Sousa: Porque acho que fica muito louco, né?

Nísia CPDOC Guaianás: É, é! O que que é. O Itaquera na Cena, o Engrenagem.

Kiko Sousa: É, é o que a gente tava conversando ali. O Itaquera na Cena foi esse projeto que eu falei, né? Que foi o projeto bem focado, com o apoio do VAI. Ele durou esses anos, né? E aí a gente fez alguns clipes e tudo mais de artistas daqui. Tá, legal.

O "Pela Arte A Zoeira" é aqui, que é um estúdio/produtora, né? Que a gente ensaia e faz as coisas e tal. O Engrenagem Urbana já é uma banda que tem 10 anos, tá completando 10 anos. Nessa pandemia tava com uma turnê marcada de... de comemoração desses 10 anos, né? E aí parou. Que ai... O Wopper também tá junto, que o Wopper depois de algum tempo das transformações o Wopper entrou. Tem o Samuel como MC, né? E aí é tudo praticamente a mesma estrutura. O Call também era, só que o Call também, nesse período, saiu de todos os

projetos, parou com todos os projetos. A gente tá ainda vendo. A princípio tem alguns músicos fazendo *freelancer*, mas a gente não colocou ninguém, até porque como *qué* vai falar de banda nesse período *qué* só tocar. E aí... e tem o Quebrada Instrumental que é esse projeto que eu já falei, né? Tipo, esse projeto que... essa ideia que se iniciou entre eu e o Wopper.

Renata CPDOC Guaianás: Você falou que com o Itaquera na Cena vocês pegaram o VAI, né? Vocês pegaram com o Quebrada, enfim, outros editais, outras políticas outras formas de financiamento? E como é que vocês veem essas formas de financiamento pra vocês?

Kiko Sousa: Bom, pro Quebrada a gente nunca ganhou acho que... nada [risos]. A gente inscreveu bastante, mas nunca ganhou nada. Wopper, a gente chegou a pegar algum edital? Não, né?

Wopper: Não... não...

Kiko Sousa: Nem um pequeno de um show porque tem uns... não, né? Não, nenhum. Com o Quebrada Instrumental, nenhum. Puta, eu, como já falei: a gente inscreveu pro VAI, inscreveu já pra vários editais só que nunca rolou. Nunca rolou. Nunca... a gente tem muito interesse de virar, porque a gente consegue expandir mais, né? Apesar... não, mas aí não foi, não né? A gente fez uma mini turnê nas casas de cultura, mas aí não foi pelo edital, foi coisa meio que deles, assim. Como a gente tá muito enraizado ali na casa de cultura, outros... outros coordenadores assistiam, chegaram a assistir, então levaram a gente, né? Então isso daí foi bem legal pra essa expansão nossa, assim. Tanto é que entre uma verba a gente consegue olhar melhor pras coisas, se olhar, organizar melhor que é fundamental, né? Não tem jeito.

Renata CPDOC Guaianás: Em termos de verba, quando entra uma verba, como é que vocês se organizam? Como é que vocês se estruturam? Vocês recebem igual? Tem divisão de tarefas? De funções?

Kiko Sousa: Sim, é. Depende do trabalho em si. Quando a gente tava... vamo lá... o normal... a gente ia pro show, tocava, pegava e dividia. Ah, quanto que é? Ah, o cara veio de carro, então, tanto de gasolina e dividia igual. Hoje em dia tem outras funções, né? Porque aí você tem o cara que edita, o cara que fecha o show, o cara que mixa, os músicos mesmo. Então a gente pensa como? Em pagar primeiramente, pensa no cachê, o cachê base pra todo mundo, coloca ali o cachê base pra todo mundo. A partir disso a gente começa a tirar. Porque, por exemplo, Kiko mixou as músicas pra fazer. Então beleza, então ele mixou, é o cachê e mais um adendo. Ok, o Wopper fez, sei lá, direção. Então o Wopper: o cachê mais esse daqui. Então tem o lance da porcentagem de quem também trabalhou na venda do show. Então tem isso aqui e a gente vai por porcentagem mesmo. Mas o que a gente pensa sempre antes é que tem que ter um cachê

base. Então chegou o show, tem um cachê base pra todo mundo. Aí roda esse cachê pra gente iniciar a divisão, que eu nem faço mais parte disso, deixo os caras fazer, eu faço só música, né? O cara chega: “ó, Kiko, tava pensando assim, assim, assado”. “Pô, numa boa”. Sabe, a gente tem que contemplar todo mundo. Por causa disso também a gente chama artistas novos pra participar desse período, né? Esse período tá muito ruim demais pra gente, artisticamente, tal, músico. A gente é parte de quem tá iniciando, né? Então a gente tem, tipo, um exemplo: tem o d’Oliveira que ele tocava em barzinho, só em barzinho. Ele parou 100% da economia dele. 100% ele parou. Falou: “Kiko, eu ganhava tanto, aí quando chegou no outro mês eu não tinha nada, nada, zero”. Aí o que a gente falou, puta, beleza, então quando chegar alguma *live* você participa com a gente do mesmo jeito. E a gente tenta porque acaba sendo um momento solidário pra todo mundo, né? “Puta, caiu dinheiro aqui ó!”. É todo mundo “Vamo dividir aí, vamo dividir! Entra!”. Tá mais ou menos assim.